

1 Introdução

Não importa o que se ama. Importa a matéria desse amor. As sucessivas camadas de vida que se atiram para dentro desse amor. As palavras são só um princípio – nem sequer o princípio. Porque no amor os princípios, os meios, os fins são apenas fragmentos de uma história que continua para lá dela, antes e depois do sangue breve de uma vida. Tudo serve a essa obsessão de verdade a que chamamos amor. O sujo, a luz, o áspero, o macio, a falha, a persistência.

Inês Pedrosa, *Fazes-me falta*

No dia 15 de janeiro de 2005 foi realizado, na Cidade de Alcobaça, o “Colóquio Inês de Castro”, cuja direção coube a Maria Leonor Machado de Sousa, catedrática jubilada da Faculdade de Ciências de Lisboa e vice-presidente da Academia Portuguesa de História, além de grande pesquisadora do tema inesiano na cultura portuguesa e da sua projeção na Europa. Na cerimônia inaugural, realizada no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, Eunice Muñoz leu poemas de autores portugueses, cuja temática girava em torno dos amores de Inês e Pedro, do encontro, da saudade, do desvario, da paixão inconsolável.

As Câmaras de Coimbra, Alcobaça e Montemor-o-Velho, o Ministério da Cultura e a Quinta das Lágrimas reuniram-se nesse projeto de resgate do tema, tanto em sua historicidade, em sua carga simbólica e em seu valor mítico, projetando-o no futuro, o que fez com que as comemorações do *Ano Inesiano* seguissem uma linha que percorria um caminho muito além do simples relato dos acontecimentos históricos ou de suas personagens. Buscou-se, mais que isso, mostrar a carga simbólica e mítica deste episódio, refletindo as relações entre paixão e tragédia, desejo e morte, amor e poder. Pensar Inês de Castro é, assim, uma forma de valorização da História de Portugal.

Para as atas do “Colóquio Inês de Castro” escreve Joaquim Veríssimo Serrão que

No conjunto monumental português, merece a Cidade de Alcobaça ser vista como uma das mais refulgentes jóias do nosso patrimônio cultural. À sombra da veneranda casa-mãe de Cister, o País engrandeceu-se com a riqueza da livraria claustral; com as granjas saídas do labor dos “monges brancos” e com as peças de

arte que valorizam o recheio da Abadia alcobacense. Entre tantas e valiosas relíquias, como não exaltar os dois “moimentos” que guardam os restos do rei D. Pedro e da “Rainha” Inês de Castro, personagens do “grande desvayro” que ainda hoje comove a alma dos portugueses? Para recordar a tragédia amorosa que os envolveu, justifica-se a nossa ida ao mosteiro de Alcobaça, onde para sempre descansam os dois enamorados, cujas almas há muito repousam nas mãos de Deus.¹

Elaborou-se, além disso, uma grande mostra que reunia obras de artistas plásticos portugueses de várias gerações, dos consagrados aos mais jovens. Entre seus organizadores destaca-se o nome de Alexandre Melo, grande autoridade em arte contemporânea de Portugal. A mostra teve lugar no Pavilhão *Centro de Portugal* em Coimbra e na Galeria de Exposições Temporárias da Ala Sul do Mosteiro de Alcobaça. Como mote, a exposição valeu-se de um verso camoniano, forte referência para os amores de Pedro e Inês de Castro: “O nome que no peito escrito tinhas”.

Nuno Crespo, ao discutir os limites entre a História e o Mito e a relação do episódio inesiano com a memória cultural portuguesa, destaca que:

Seja qual for a categoria em que se insere o episódio da paixão desvairada de Pedro e Inês – e perdoem-nos os historiadores –, este mito é uma construção estética. Não é por acaso que, excluindo os relatos históricos pouco numerosos, nada fidedignos e muito contraditórios, são os poetas e alguns artistas plásticos, agora em maior número, as melhores “fontes” do central e elementar desta tragédia.²

Se “um país forte é feito de artistas fortes e imagens fortes”, como disse o diretor do instituto de Artes, Paulo Cunha e Silva, o amor desvairado de um Infante por uma Dama – e tudo que envolve esse episódio –, estruturante da Identidade Nacional Portuguesa, é um tema que vem do passado para reavivar reflexões em torno de mito, ficção e nacionalidade, assuntos que são, como define Haqira Osakabe, “território em que situamos a maior parte das questões relevantes para a compreensão dos problemas culturais em Portugal.”³

Inês de Castro figura entre as personagens femininas de maior destaque nos campos da História e da Literatura Portuguesas. Viveu com o Infante D. Pedro de

¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo. In. SOUSA, Maria Leonor Machado de (dir.). *Colóquio inês de Castro. Alcobaça, 15 de Janeiro de 2005 – Actas*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005.

² CRESPO, Nuno. *Mito, História ou Verdade?*. In. O nome que no peito escrito tinhas. Coimbra: Ministério da Cultura – IPPAR, 2005, 16.

³ OSKABE, Haqira. “A pátria de Inês de Castro”. In. IANNONE, Carlos Alberto, GOBI, Márcia V. Zamboni & JUNQUEIRA, Renata Soares (org.). *Sobre as naus da iniciação*. São Paulo: Unesp, 1998, p.107.

Portugal um verdadeiro amor de perdição, culminado com a tragédia de 7 de janeiro de 1355, quando, por razões de Estado, foi cruelmente executada. Do triste episódio surge uma frase que soa como um refrão, significando qualquer coisa de tardio e irreversível: “Agora é tarde, Inês é morta”.

Morta foi Inês, mas não o seu nome e a sua memória. Tanto a Literatura quanto as demais expressões artísticas trataram de imortalizá-la, lendo sempre com grande interesse a história desses protagonistas de uma das mais belas histórias de amor. Comparada à de Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa, a história de Inês e Pedro atravessa as fronteiras ibéricas, transcendendo-se e sacralizando-se como um dos maiores mitos trágicos marcados pelo amor-paixão.